Universidade Federal de Juiz de Fora

Instituto de Artes e Design

Pós graduação *Lato Sensu*

Bordado: Entre Pontos e Linhas, uma Narrativa

Sonia Maria de Oliveira

Juiz de Fora

2011

Sonia Maria de Oliveira

BORDADOS: ENTRE PONTOS E LINHAS UMA NARRATIVA

Monografia apresentada ao Curso de Artes do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Moda, Cultura de Moda e Arte sob a orientação da Profª Drª Isabela Monken Veloso

Juiz de Fora
2011

Sônia Maria de Oliveira

Bordados: Entre Pontos e Linhas uma Narrativa

Monografia de conclusão de curso submetida ao Instituto de Artes e Design – IAD da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Moda, Cultura de Moda e Arte e aprovado pela seguinte banca examinadora:

_____

Profª. Drª. Isabela Monken Veloso (Orientadora)

Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Profª. Drª. Rosane Preciosa

Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Profº. Dr. Afonso Celso Carvalho Rodrigues

Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora

27/04/2011

Dedico este trabalho ao meu amado filho, Omar de Oliveira Costa, razão maior de minha vida e minhas vitórias.

AGRADECIMENTOS

A Deus, desde o instante de meu nascimento até a presente data, por tudo.

Aos meus pais, pela eterna dedicação (in memorian).

Ao Dr. Vicente Perroni, pelo exemplo, sabedoria e perene incentivo nessa caminhada.

Ao Paulo Eduardo dos Santos pelo apoio, atenção e carinho com meu filho e comigo, nesta jornada e em tantas outras.

Adriano de Oliveira, pela ajuda na rotina do dia a dia durante todo este projeto.

Fabiana Ballesteros, minha amada afilhada, por todo carinho e atenção durante esta pesquisa.

À Senhora Cecília da Rocha Pires, pela amizade e carinho.

A todos que direta ou indiretamente me apoiaram, me ajudaram e me incentivaram neste trabalho e sempre

EPÍGRAFE

Os nossos valores são como pontos que foram costurados para frente e para trás a fim de criarem uma peça inteira de tecido, toda uma vida. Quanto mais firmes os pontos, mais firme a trama, e melhor o acolchoado. Da mesma forma na vida, quanto mais firme o caráter, mais sucesso e felicidade teremos.

WEBB

RESUMO

Sem regra para defini-lo, o Crazy Quilting é tudo o que a imaginação permite. Ao escolher sua história como tema dessa pesquisa, não só pretende-se relatar o “fazer”, mas, também atualizar no presente uma habilidade manual esquecida nos dias atuais. Dentro desse processo, será feito, também, um pequeno relato de como se elabora uma bolsa com a técnica do Crazy que além de significar selvagem, também significa quebrado ou reduzido a lascas. Essa é uma boa descrição da aparência que os pedaços de formas irregulares conferiam aos Crazy Quilts. Para este trabalho, escolheu-se a bolsa como objeto, pela importância desse adereço que acompanha desde sempre a humanidade. Atualmente e em todas as épocas, é parte integrante do universo feminino e torna-se personagem principal deste trabalho.

Palavras chave: Crazy Quilt, Crazy Quilting, Patchwork, Crazy

ABSTRACT

Without rules to define it, “Crazy Quilting” is everything that imagination can allow. Choosing its history as a theme of this research we intend not only to relate how to make, but also to update forgotten handicraft abilities. We will also carry in this process a small report of how to manufacture a hand bag using “Crazy” technique that also means “broken” or “reduced in to small pieces”. This is a very good description for the irregular shape pieces that “Crazy Quilts” can produce. The hand bag was chosen in this job because of its importance as an accessory being used by mankind. It is part of women universe and man as well, depending on the age, and for this reason is the main personage of this job.

Key word: Crazy Quilt, Crazy Quilting, Patchwork, Crazy

SUMÁRIO

1. Introdução.....10

2. Por que o Crazy?.....12

3. História da bolsa.....15

4. História do Crazy.....16

5. Processo produtivo.....19

5.1. Tecidos e agulhas.....20

5.2. Linhas e outros atrativos.....22

5.3. Botões, charmes, miçangas e pedrarias.....25

5.4. Os pontos.....28

5.5. Bordado.....36

5.6. Passo a passo.....39

6. A bolsa.....44

7. Conclusão.....45

8. Referências.....46

I. INTRODUÇÃO

Aos quatro anos tive meu primeiro contato com o bordado. Vivia no meio de tecidos, linhas e botões, papel de risco, giz de alfaiate e máquinas de costura. Minha mãe, juntamente com uma tia, faziam enxovais para bebês e para noivas, todos bordados. Para que eu não atrapalhasse o bom andamento das encomendas, ela me dava sempre um pedaço de tecido com uma linha já enfiada na agulha e riscava algum desenho e ali eu passava horas distraída com a "arte de bordar"! Aos nove anos, bordei minha primeira toalha de mesa, riscada por ela, eram flores coloridas que formavam arabescos.

Nesse ambiente aprendi que havia linhas diferentes e, dentre elas, uma especial, a linha da madeira, assim chamada porque vinha da ilha de mesmo nome em Portugal. Uma outra também chamada de Varicor, que era de seda multicolorida e fazia com que os bordados ficassem mais bonitos pelo seu brilho. Aos poucos, já fazia roupinhas de minhas bonecas com base nos moldes dos enxovais de bebê. Nesse ambiente cresci e aprendi a ter gosto pelos bordados, pelo fazer das coisas manuais, pois, toda minha roupa era feita e bordada pela minha mãe. Com o passar dos anos, sempre buscando aprender pontos diferentes de bordados, numa viagem com meu marido, vi algo diferente de tudo o que já tinha visto antes em termos de bordado. Vi pela primeira vez um bordado Crazy. Foi paixão a primeira vista. A procura por aquele trabalho me levou a muitas pesquisas e aos poucos fui aprendendo sozinha, pois, os pontos usados já conhecia, o diferente era a maneira do trabalho que consistia em retalhos e emendas que eram todas bordadas. Tanta pesquisa até que encontrei um curso no qual me especializei e descobri mais uma série de coisas que se agregavam ao Crazy, como, tingimentos de tecidos comuns e rendas, que servem para adornar e dar acabamentos. Broches ou botões de roupas antigas, strass, rendinhas, sutaches, veludos, pedrarias, florzinhas de cetim e uma infinidade de materiais são utilizados para finalizar e embelezar o trabalho, que em outros tipos de bordados jamais se usariam. Esses recursos me chamaram a atenção por sua elaboração, pela escolha dos retalhos, como eles serão dispostos,

que tecidos e detalhes serão tingidos, o que será aplicado e o que será bordado? Um jardim de flores com abelhas, aranhas, borboletas? Um detalhe de uma história infantil? A estrofe de uma poesia ou um verso? Frases de amor? Esse bordado pode depois se transformar numa bolsa de festas ou numa bolsa social, pode ser redonda ou retangular. Pode-se também aplicar um detalhe em uma blusa, no bolso de uma calça, a bolsa de um notebook ou o que se achar adequado ser bordado. A liberdade, a beleza e a emoção do Crazy Quilting é esse fazer livre que se pode lançar mão de uma variedade de materiais sem regras fixas. Nele coloca-se toda criatividade possível, é uma efervescência de cores, pontos, bordados, linhas, miçangas, rendas e materiais de armarinho diversos. Crazy Quilting é alegria colorida, é uma vibração harmônica, é brilho, é vida.

2. POR QUE O CRAZY QUILTING?

Ao escolher a história do Crazy Quilting como tema dessa pesquisa, não só pretende-se relatar o ato do “fazer”, mas, também atualizar uma habilidade manual esquecida hoje em dia. Dentro desse processo, será feito, também, um pequeno relato de como se elabora uma bolsa com a técnica citada. Foi escolhida essa peça, pois, ao longo dos tempos, a bolsa é o acessório de moda que acompanha as mulheres (e em determinadas épocas, os homens também). Ora pequenas, ora grandes, mas sempre contendo relíquias ou objetos.

A vida nas grandes cidades, a entrada das mulheres no mercado de trabalho, a concorrência e disputa de cargos, anteriormente destinados aos homens, e que hoje são pleiteados pelo público feminino, acabaram deixando de lado a valorização da produção manual de atividades como o costurar e o bordar. Com esse tema de pesquisa, pretende-se revisitar a questão das habilidades manuais, a delicadeza do trabalho manual, relacionar e comparar os materiais utilizados da Era Vitoriana até os dias atuais, passando pelo surgimento da técnica que teve seu grande sucesso nos Estados Unidos após uma exposição de enorme repercussão na sociedade vitoriana: O “Centenial Exhibition”, que aconteceu na Filadélfia no ano de 1876.

Dentro dessas questões, pode-se refletir sobre a postura das mulheres daquela época, tão reprimidas, e ao mesmo tempo, criando trabalhos tão livres como o Crazy, tecendo lembranças em forma de roupas sem a retidão exigida pela sociedade e sem se sentir oprimidas ou criticadas por se reunirem, para fazer do bordado e da costura a sua liberdade de expressão. Sem procurar defini-lo, o Crazy é tudo o que a imaginação permite, a ampla diversificação de materiais usados nessa técnica “relata” a dificuldade de um tempo em que as mulheres não tinham, como hoje, facilidade em obter uma grande variedade de materiais e também, da oportunidade de aproveitar uma reunião de bordados para, além desses afazeres manuais, conversar sobre a vida, os filhos, os amores, os acontecimentos, reunindo tudo isso em seus trabalhos. Não nos damos conta que diariamente convivemos com objetos que estão impregnados de lembranças, em especial as roupas e objetos de uso pessoal. Pode ser uma roupa bonita, usada em um dia especial e que sempre nos dá a impressão de trazer sorte. Pode ser até mesmo aquela mais

usada e velhinha que nos aconchega e nos faz sentir bem. Uma roupa nova, quando a compramos, não tem ainda a nossa personalidade, o caimento, o acomodamento, o cheiro. As texturas e a “personalidade” de uma roupa só aparecem com o tempo e com o uso. Deparamo-nos também, com o valor simbólico e afetivo que possuem as roupas de entes queridos, pessoas com as quais convivemos e pessoas que já se foram. Suas roupas guardam lembranças, trazem cheiros e recordações. Não raro, as roupas de entes queridos, de filhos, de pessoas amigas e queridas eram usadas na Era Vitoriana para confecção de uma peça de Crazy Quilting. Atualmente, ainda é comum a utilização dessas peças para confeccionar um trabalho de Crazy.

> *Quantas passagens de minha vida parecem estar sintetizadas nesta colcha de retalhos. Aqui estão restos daquela almofada de cor cobre brilhante que enfeitava a cadeira de minha mãe... Aqui está um pedaço do primeiro vestido que vi, cortado de acordo com aquilo que era chamado de “mangas de perna de carneiro”. Ele era da minha irmã... E aqui está um fragmento do primeiro vestido que eu tive em forma de corpete; aqui está um fragmento da primeira veste que meu irmão mais novo vestiu quando ele deixou de vestir roupas longas. Aqui está uma peça do primeiro vestido que ganhei com meus próprios esforços! Que sentimento de alegria, de auto dependência, de auto confiança foi criado por esse esforço!* (Stallybrass, 1993, p. 25)

Em seu livro "O casaco de Marx", Peter Stallybrass nos faz pensar na relação que temos com nossos pertences em especial com nossas roupas, refletir as relações sobre as marcas que imprimimos em nossos objetos de uso pessoal, aqueles que usamos no dia a dia e que carregam tanto de nossas memórias. Todo esse trabalho, semelhante a um jogo de emoções se traduz no Crazy Quilting, um trabalho tão único e tão sentimental que, dada a dificuldade na Era Vitoriana em encontrar tecidos, linhas, agulhas, rendas, fitas e outros materiais lançava-se mão de tudo o que estava em desuso. Tudo era aproveitado ou reaproveitado para a confecção do Crazy. Pode-se dizer que o Crazy Quilting é um trabalho feito de lembranças e seu nome não apenas significa selvagem, mas também quebrado ou reduzido a lascas que é uma boa descrição da aparência que os pedaços de formas irregulares

conferem aos Crazy Quilts. Os adornos usados nos trabalhos eram relíquias sentimentais das famílias, velhas vestimentas que já não serviam para uso, roupas infantis que guardadas por tanto tempo traziam antigas recordações. Cada pedacinho evocando uma lembrança especial e fazendo do Crazy patch um elo entre o passado e o presente, narrativas sob uma nova forma de organização, uma experiência social baseada no trabalho manual feito com lembranças.

"A transmissão de conhecimentos se dá através de uma narrativa, pois aquele que conta transmite um saber, uma sapiência, que seus ouvintes podem receber como proveito." (Gagnebin, 1985, prefácio)

Os trabalhos de Crazy podem ser realizados à mão ou à máquina e a técnica de "foundation" é uma das mais utilizadas em sua confecção. A partir da união de blocos de Crazy Patch (pequenos retalhos) surgem os chamados Crazy Quilting. A característica principal desse trabalho é a riqueza de materiais e os detalhes que retratam a ingenuidade e delicadeza feminina. O nome Crazy (maluco) pode ser relacionado à disposição nada eclética dos pedaços irregulares de tecidos. Os "embellishments" (adornos) usados nos trabalhos de Crazy Quilting eram relíquias sentimentais das famílias. Nenhum trabalho era criticado por conter detalhes em demasia mesmo porque, alguns eram tão adornados que o tecido mal aparecia.

Assim, com base na narrativa, no trabalho coletivo, na reunião de lembranças, no valor simbólico e na memória, temos como resultado, uma colcha de retalhos, reunião de fragmentos, histórias de vida e de morte, de alegrias e tristezas.

3. História da bolsa

Como ela é a personagem principal deste trabalho, vamos conhecer um pouco mais a seu respeito.

Uma das primeiras menções sobre a bolsa feminina encontra-se na Bíblia, no livro de Isaías, cap. 3:16, que diz:

> "Naquele dia tirará o Senhor os seus enfeites: os anéis dos artelhos, as toucas, os ornamentos em forma de meia-lua, os pendentes e os braceletes, e os véus esvoaçantes; os turbantes, as cadeiazinhas para os passos, as cintas, as caixinhas de perfumes e os amuletos; os sinetes e as jóias pendentes do nariz; os vestidos de festa, os mantos, os chales e as bolsas." (Bíblia Sagrada, p.695, ed. "IMPRES" – Companhia brasileira de impressão, São Paulo-SP 1968)

Essas palavras foram escritas por volta de 750 a.C. Naquela época, a bolsa era chamada de *Alforje* - um saco de couro que podia ser usado na cintura, nos ombros ou na sela dos animais e utilizado principalmente pelos homens para carregar alimentos ou dinheiro durante a Idade Antiga.

Até o fim Idade Média as bolsas variavam de tamanho e ornamentos, dependendo de seu dono. As masculinas geralmente maiores eram feitas de couro, peles, com franjas, bordados em fios de ouro, pingentes, pedrarias. As *pochetes* eram pequenas e ficavam rentes à cintura enquanto os sacos eram presos a cordões e pendurados chegando até os joelhos. Algumas eram especiais, para o transporte de remédios: rapé, tabaco, leques e objetos pessoais como livros de oração e relicários.

Até o século XV continuavam a ser usadas presas à cintura tanto por homens quanto por mulheres. As femininas chamadas de *Escarelle* e as masculinas *à Bolso* ou *à Esmoleiro.*

A Almonière, usada nas cruzadas, teve origem na prática de dar esmolas, pois era destinada a carregar moedas de ouro e eram confeccionadas em veludo, linho, seda ou couro e presa por cordões a cintura.

Pelas descrições acima, notamos que a bolsa é aquela que se amolda ao corpo, é a que guarda lembranças, detalhes íntimos e objetos pessoais é a que carrega e guarda segredos, é o acessório do universo feminino e acompanha desde sempre a humanidade.

4. História do Crazy

Os Crazy Quilting, também chamados de patchs, se originam na Era Vitoriana, mas tiveram um grande sucesso nos Estados Unidos, após uma exposição de grande repercussão na sociedade vitoriana, o “Centenial Exhibition” que aconteceu na Filadélfia no ano de 1876 (Vieira, 2007). Na verdade, muito pouco se tem escrito a respeito ao longo da história, já que se trata de um trabalho passado de geração em geração através dos tempos. Cada família tinha sua própria maneira de fazer o Crazy Quilting, embora todos se reunissem em uma única técnica.

A diferença do Crazy Quilting para os outros bordados pode ser traduzida na assimetria e na utilização de todo o material julgado interessante e diferente por quem o estava confeccionando. Os trabalhos construídos com o Crazy Quilting possuíam variadas funções, que iam desde embelezar móveis, como sofás, poltronas, camas até vestidos, casacos e bolsas, entre outros, e também adornar as dependências das residências. Além disso, eram usados para exibir habilidades de quem os confeccionava, as senhoras do lar e também as bordadeiras.

Segundo Vieira (2007, p.4), “Os Crazy Quilts, frequentemente, foram os meios pelos quais muitas mulheres vitorianas focaram sua energia criativa, sem imposição de regras e as medidas precisas do patchwork, tradicional daquele período”.

Citando Betty Pillsbury , uma Crazy quilter contemporânea, "a evolução do Crazy Quilting , como conhecemos nos dias atuais, é uma jornada que ilustra o triunfo da imaginação e da ingenuidade feminina em face das atribulações e de desafios inimagináveis". (Vieira, 2007, p.4)

Pode-se supor que as mulheres daquela época, tanto quanto as de hoje que se interessam pelo bordado Crazy, adoravam sair em busca de armarinhos onde podiam encontrar tecidos, linhas, rendas, botões, entre tantos outros itens pertinentes ao bordado e a criatividade. Atualmente, há uma verdadeira profusão de materiais encontrados no mercado e que servem para os adornos do trabalho.

Os Crazy Quilting vitorianos nem sempre eram peças que expressavam alegria. Havia também aqueles que representavam o luto e a tristeza pela perda de um ente querido. Estes sempre confeccionados inteiramente em tecido negro e

chamados “mourning quilts”.

Detalhe de “mournig quilt” feito inteiramente em tecido negro.
Cerca de 1900 medindo 0,70 X 0,72 Jamaica Plain, Massachussets
Fotografia color., 10cm x 8cm (Vieira, 2007, p.6)

Os símbolos mais usados no Crazy Quilting são a aranha que representa a boa sorte e a coruja representando a sabedoria. O amor pelas plantas e jardins, além dos pássaros, borboletas e abelhas, também são representados e tidos como preciosos, sendo essa uma característica do período Vitoriano. Um exemplo desse trabalho é o de Victoriene Parsons Mitchell (1829-1916), que hoje faz parte do acervo do Museu de Arte Contemporânea de Indianápolis, Estados Unidos, e que segundo Vieira (2007) levou dez anos para ser concluído, de 1883 a 1893.

Vitoriene Parsons(1829-1916) Museum of Art, USA
Fotografia, color., 12cm x 8cm (Vieira,2007, p.4)

O entusiasmo pelo trabalho em Crazy Quilting durou algumas décadas, por volta de 1860 a 1910, sendo a maioria confeccionada em seda o que infelizmente também acarretava uma deterioração mais rápida, pois nessa época as vestimentas eram estruturadas com metal, material que desgasta o tecido. O trabalho de restauro desse material, atualmente, é feito por profissionais qualificados e procura substituir os retalhos deteriorados preservando o bordado original o que torna a tarefa quase impossível.

5. PROCESSO PRODUTIVO

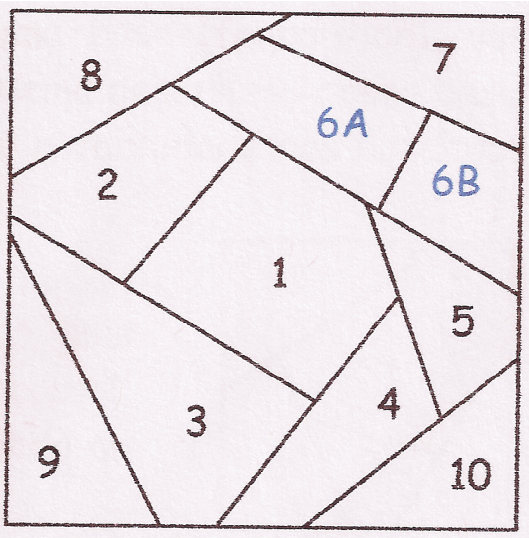
Para a confecção de um bordado Crazy, é necessário que todo o material seja previamente escolhido. O tecido, as agulhas, as linhas os embelishments, determinar o desenho a ser elaborado, acabamentos a serem usados, escolha do desenho e finalidade de uso da peça.

Para este trabalho, escolheu-se como objeto, uma bolsa, pela sua importância como adereço e acessório.

Inicia-se então, com a escolha do desenho a ser elaborado e que vai acompanhar o trabalho até seu final. Sendo assim, é importante que se tenha sempre uma cópia para consulta.

A escolha e separação do material a ser usado: tecidos, linhas, agulhas, adornos, fitas, galões, sianinhas, rendas, botões e outros tantos necessários. Os retalhos devem ser enumerados de acordo com sua colocação e seguindo o desenho escolhido. As costuras podem feitas pelo direito ou pelo avesso.

Modelo pronto
Fotografia, color., 5cm x 5cm p.45
(Vieira, 2007, p.45)



Estrutura numerada do modelo
Fotografia, p/b, 5cm x 5cm
(Vieira, 2007, p. 45)

5.1. Tecidos e Agulhas

Sedas, veludos, algodão, voil, crepe georgete, chiffon, tafetá, popeline, cambraia e passando pelos texturizados como o jacquard, os adamascados de cetim e crepe, brocados, rendas, shantung, entre outros vários. É nesse momento que as incursões pelas lojas, armarinhos, brechós e ainda uma visita aos antigos baús de nossas avós e mães, além de roupas antigas que não usamos mais. Além desses materiais, utilizamos as agulhas variadas.

As primeiras agulhas datam de 1700 a.C. e eram confeccionadas em ossos ou madeira. Tinham como propósito costurar peles de animais. Segundo Pollini (2007) algumas agulhas foram encontradas 40.000 anos a.C.

As primeiras de metal surgiram no período denominado Era do Bronze, e os egípcios utilizavam agulhas rústicas feitas de cobre, prata e bronze. As agulhas de mão foram aperfeiçoadas pelos muçulmanos espanhóis na Idade Média, aproximadamente no século XI. Eram os melhores médicos da época e especialistas em suturas e cirurgias. Essa habilidade fez com que começassem a aperfeiçoar as agulhas de mão, pois até então eram fabricadas na Europa por ferreiros locais. Os muçulmanos fabricavam agulhas e os comerciantes árabes as vendiam por toda a Europa. Por volta do século XVII, os europeus começaram a fabricar suas próprias agulhas sendo que os ingleses se tornaram especialistas. No século XIX, o distrito de Redditch, na Inglaterra central era considerado o centro produtor das melhores agulhas de mão do mundo.

Esse instrumento tão comum nos dias de hoje já foi considerado uma relíquia. Na época da Revolução Industrial, as agulhas eram muito valiosas, consideradas bens, e frequentemente deixadas como herança em testamentos. Atualmente, são fabricadas em arame de aço carbono e as de altíssima qualidade são feitas de níquel ou ouro. As agulhas de alta qualidade para bordado são feitas de platina.

Como escolher uma agulha?

Existe uma específica para cada trabalho e sua utilidade é determinada pelo tamanho, pela espessura, pela ponta afiada ou não e pelo tamanho do olho (orifício por onde passa a linha) que determina, que tipo de linha deve ser utilizada.

Agulhas de tapeçaria - Pontas arredondadas e olhos grandes e alongados

Straw ou millners - corpo e cabeça com a mesma espessura, olhos pequenos e arredondados. São utilizadas por chapeleiros

Crewel - pontas afiadas e olhos mais abertos para utilização de fios e lãs

Sharps - pontas afiadíssimas, olhos arredondados e pequenos para um único fio.

Agulhas para chenile - grossas e pontas afiadas, olhos grandes e alongados para passar fitas

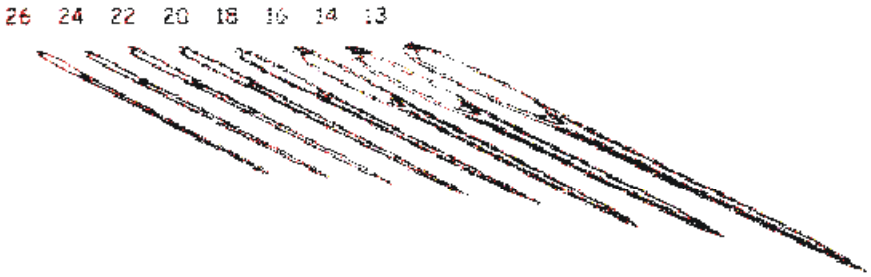
Beading ou de miçangas - a mesma extensão do corpo até a cabeça e olhos pequenos para a passagem de miçangas.

Betweens ou quilting - corpo pequeno, olhos curtos e redondos com pontas afiadas. Próprias para o quilting ou pesponto.

Darners - para costura em geral, não muito finas e com olhos longos.

Basicamente, as agulhas podem ser dividas em: agulhas com ponta e agulhas sem ponta. (Rosana, in Revista Patch e Afins, nº 32, p. 4. ano VI 2008)

Cartela com alguns tipos de agulhas



Fotografia, P/B, 12cm x 4cm

(Vieira, 2007, p.14)

5.2. Linhas e outros atrativos

A linha é um elemento que está presente em nosso dia a dia. No colchão em que dormimos, em nossas roupas, no saquinho de chá, no cinto de segurança, no sapato, na bolsa, em alguns livros e assim quase faz parte da família. É um material de ligação, de união e cada objeto acima citado utiliza um tipo diferente de linha em sua confecção, o que determina a sua finalidade, como a elasticidade, resistência, segurança e boa apresentação.

Podem ser feitas de fios naturais como o algodão, seda, lã, juta, cânhamo, linho entre outros e também de fios sintéticos como o naylon, poliéster e poliamidas. A linha de costura é construída de duas formas: linha simples ou monofilamento, geralmente sintéticas e linha torcida ou multifilamento. É a composição e a torção desses filamentos que vão determinar a resistência e o desempenho de cada uma.

Depois de torcida, a linha recebe um processo químico de acabamento para lubrificar, dar brilho e resistência. Esses acabamentos são: mercerização, glacê, gassed, bonded, mole ou soft, e vão determinar algumas características importantes como o grau de costurabilidade, desempenho e resistência da costura, firmeza da cor e peso. De modo geral, uma quilteira escolhe a linha de algodão 100% para o seu trabalho o que vai resultar em um acabamento bonito, de qualidade, bem feito e resistente.

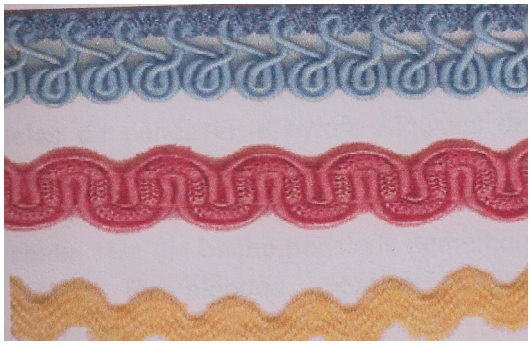
Além das linhas, a quilteira lança mão de vários outros materiais, usados como linha, para enriquecer seu trabalho que podem ser cordões, tranças, lãs, fitas de cetim, de organza, de tafetá ou veludo que servem para a confecção de flores, folhas, botões de rosa, borboletas e acabamentos detalhados. Ainda cabe o uso de passamanarias, fitas decorativas, sianinhas, grilettes e rendas confeccionadas em crochê e apliques variados.

Não se pode deixar de negar a beleza das rendas cujos tipos mais conhecidos são a renascença, bilro, filé, guipure existindo muitos outros cujo conhecimento, às vezes, se torna tarefa para profissional. (Rosana, in Revista Patch e Afins,nº 33, ano VI p. 4)

Criar rendas, manuseando fios com o uso de navetes, bilros ou simplesmente agulhas, fazem do bordado quase uma oração.

Ante nosso olhar deslumbrado, desenrolam-se nossos próprios sonhos e deslumbram com belezas infinitas. “Bordar a vida cabe às criaturas de maior sabedoria, em busca de um sentido que inclua e destaque a beleza, mesmo com simplicidade, nos pequenos detalhes de nosso cotidiano.” (Pinheiro, in catálogo SEBRAE, 2011 “O risco do Bordado”)

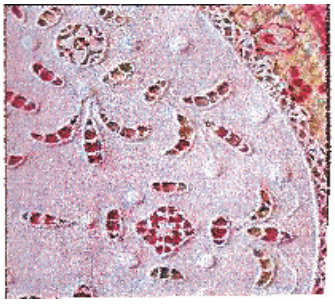
Sianinhas e passamanarias



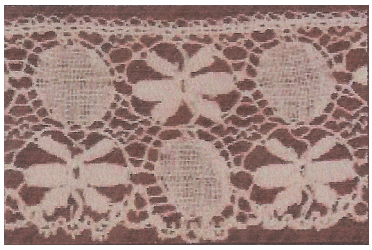
Fotografia color.,7cm x 4cm
(Vieira, 2007, p.21)

Fotografia color.,7cm x 5cm
(Vieira, 2007, p.21)

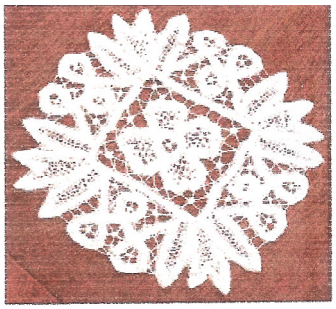
Detalhes de alguns tipos de rendas



Richelieu
Fotografia color., 4cm x 4cm
(Vieira, 2007, p.22)



Bilro
Fotografia color.,5cm x 3cm
(Vieira, 2007, p. 22)



Renascença
Fotografia color., 4cm x 4cm
(Vieira, 2007, p. 22)

Linhas diversas

Fotografia color., 5cm x 4cm

(Vieira, 2007,p.17)

Fitas decorativas - passamanarias

Fotografia color., 7cm x 5cm

(Vieira, 2007, p.17)

Fios diversos

Fotografia, color., 11cm x 4cm

(Vieira, 2007, p.18)

5.3. Botões, charmes, miçangas e pedrarias

A primeira notícia que se tem é de 3000 anos a.C. quando foi desenterrado um amuleto em forma de concha com dois buracos que poderia ter servido do que hoje conhecemos como botão. Mil anos depois, na Escócia e Norte da Inglaterra eram confeccionados em azeviche. Reapareceram no fim da Idade média tanto para segurar como decorar vestimentas. Eram feitos em prata ou de material dourado, mas foi no século XIV que passaram a ter uma função prática e sua composição diversificada com cobre, cristal, vidro e tecido. A partir do século XIX começaram a aparecer os botões de madrepérola, vidro, aço, latão e chifre, passando a integrar os desenhos de moda.

Usados na composição dos bordados, os botões dão dimensão e interesse à peça. A variedade, seja ela em madeira, cristal, cerâmica, madrepérola, resina ou ainda os ecológicos, modificam aparência e diferenciam os acabamentos, assim como os chamados "charmes", que são botões ou adereços confeccionados em formato de perfumes, dedal, coração, estrelas.

As miçangas e as pedrarias representam o brilho e, por isso, muitas vezes juntamente com os canutilhos, paetês, vidrilhos e pérolas dão o toque final ao bloco do Crazy, enriquecendo e embelezando o trabalho. A seguir apresentamos alguns modelos usados para a complementação de trabalhos e bordados.

Botões variados

Fotografia, color., 5cm x 4cm

(Vieira, 2007, p. 24)

Embelishments, também conhecidos como adornos

Fotografia, color., 5cm x 4cm

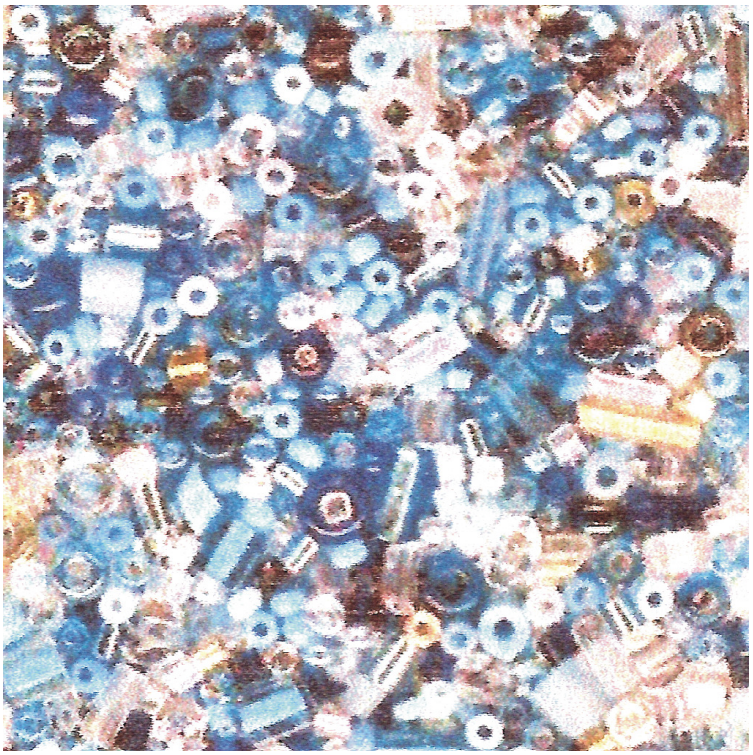
(Vieira, 2007, p. 24)

Apliques variados, utilizados como complementação

Fotografia, color., 4cm x 4cm

(Vieira, 2007, p. 24)

Miçangas e pedrarias cujo brilho é o toque final de um bordado



Fotografia color., 5cm x 5cm (Vieira, 2007, p.24)

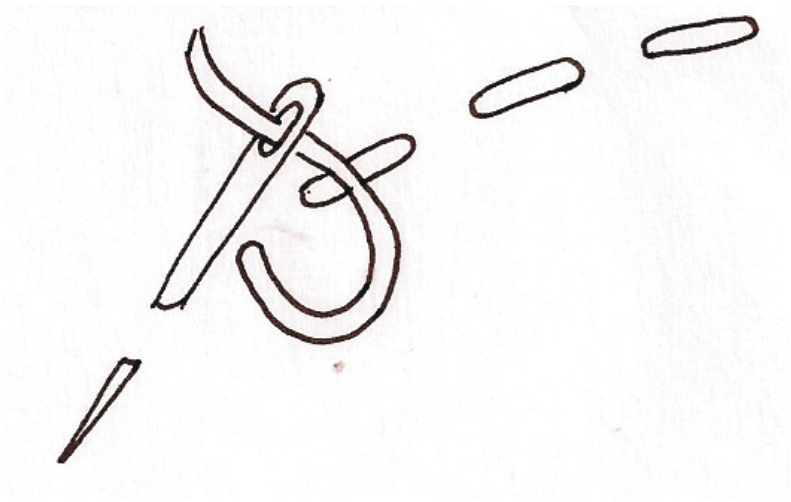
5.4. Os Pontos

É nos pontos que a imaginação se transforma, é no seu entrelaçar que as lembranças se materializam e ganham forma, é de ponto em ponto que o bordar conta a vida e as histórias.

As linhas seguem seu curso através de mãos habilidosas, na trilha de riscos, que deslumbram o olhar revelando belezas infinitas como nossos próprios sonhos; rituais de vida de lembranças saudades.

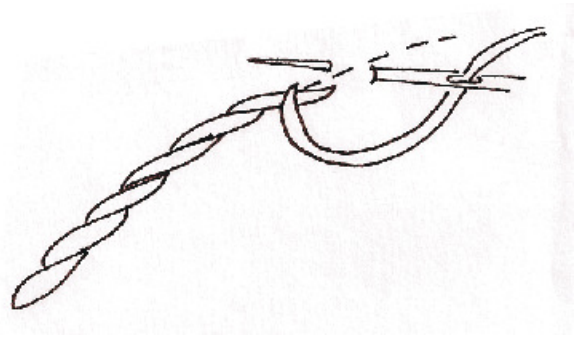
Transformar fios em pequenas obras de arte através dos pontos, entrelaçar bainhas, bordar o ponto paris, o ponto haste, entre tantos outros e aplicar uma renda é alinhavar e eternizar lembranças.

Ponto Alinhavo



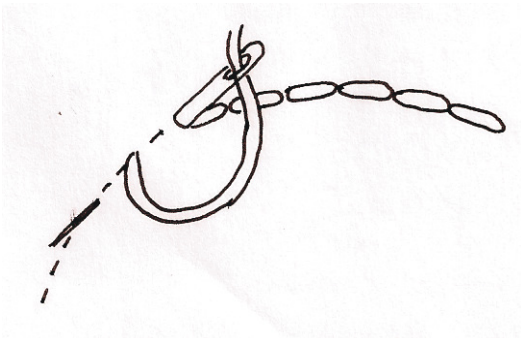
Oliveira S.M., 2011, 7cm x 5cm
Gravura desenhada a mão
Coleção particular

Ponto Haste



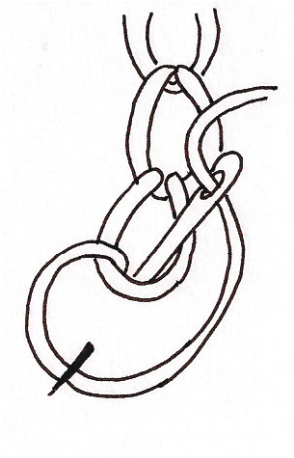
Oliveira,S.M. 2011, 8cm x 4cm
Gravura desenhada a mão
Coleção particular

Ponto Atrás



Oliveira, S.M. 2011, 6cm x 4cm
Gravura desenhada a mão
Coleção particular

Ponto Corrente

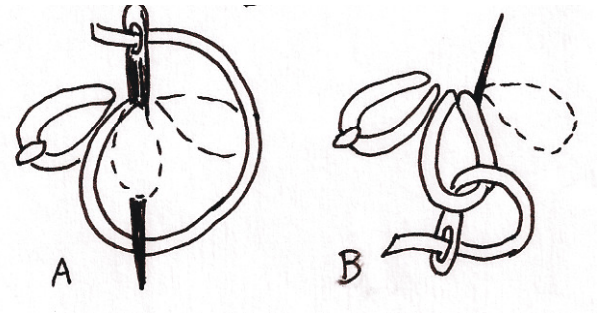


Oliveira, S.M. 2011, 5cm x 4cm

Gravura desenha a mão

Coleção particular

Ponto Margarida

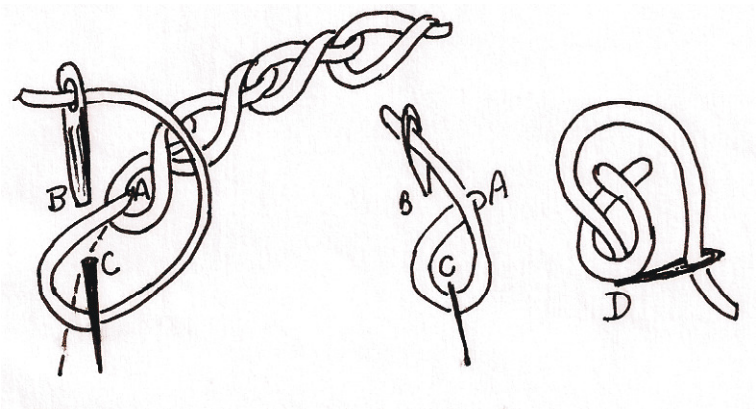


Oliveira,S.M. 2011, 8cm x 4cm

Gravura desenhada a mão

Coleção particular

Corrente Torcido

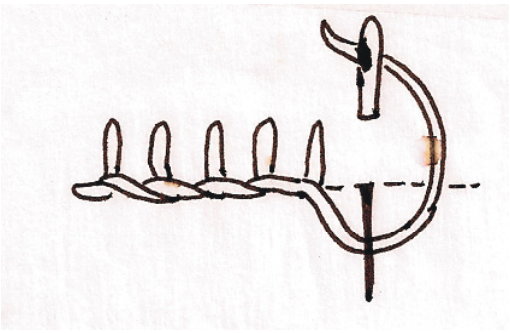


Oliveira, S.M. 2011, 10cm x 5cm

Gravura desenhada a mão

Coleção particular

Ponto caseado

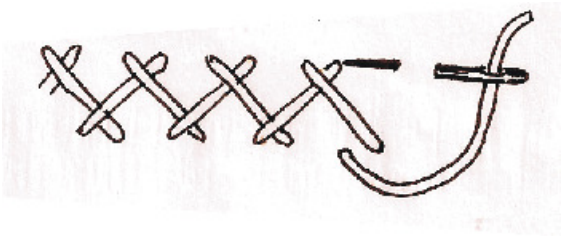


Oliveira, S.M. 2011, 5cm x 3cm

Gravura desenhada a mão

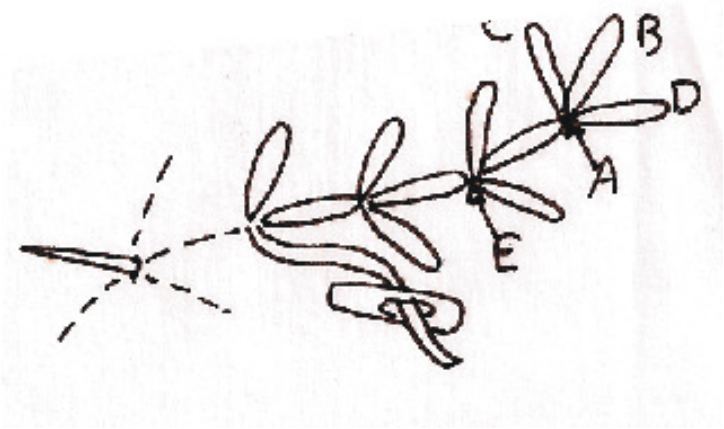
Coleção particular

Ponto Russo



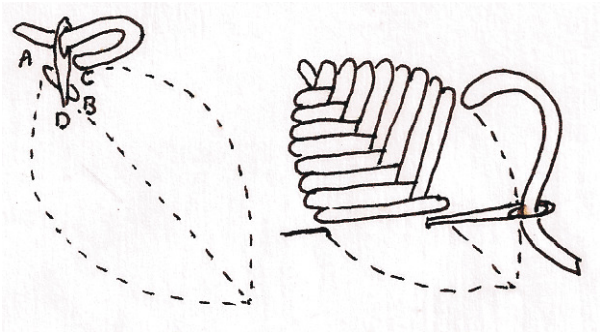
Oliveira, S.M. 2011, 7cm x 3cm
Gravura desenhada a mão
Coleção particular

Ponto Pé de Galinha



Oliveira.M. 2011, 7cm x 3cm
Gravura desenhada a mão
Coleção particular

Ponto Fishbone stitch

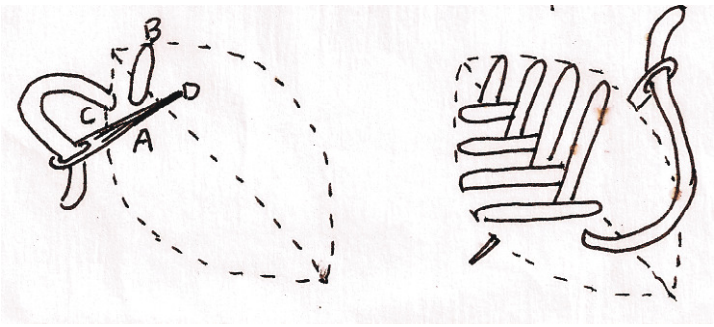


Oliveira, S.M. 2011, 7cm x 4cm

Gravura desenhada a mão

Coleção particular

Ponto Fishbone Stitich Open

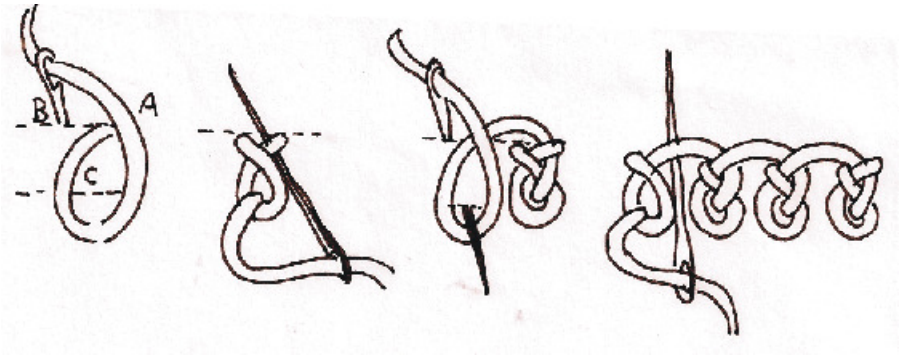


Oliveira, S.M. 2011, 9cm x 4cm

Gravura desenhada a mão

Coleção particular

Ponto Chain Stitch Rossette

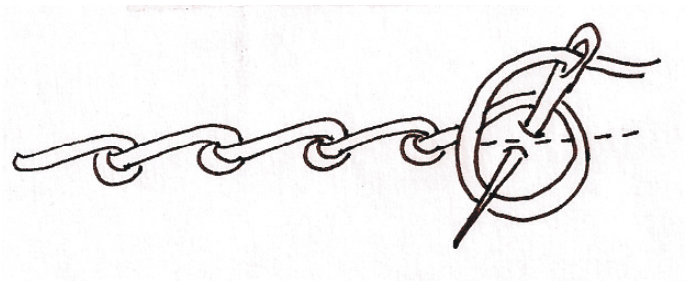


Oliveira, S.M. 2011, 12cm x 4cm

Gravura desenhada a mão

Coleção particular

Ponto Laçadas Cruzadas

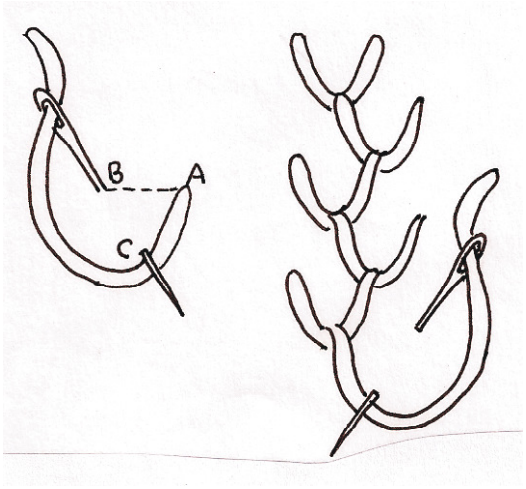


Oliveira, S.M. 2011, 8cm x 3cm

Gravura desenhada a mão

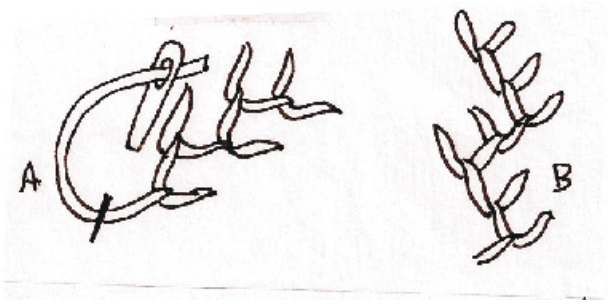
Coleção particular

Ponto Feather Stitch



Oliveira, S.M. 2011, 6cm x 7cm
Gravura desenhada a mão
Coleção particular

Ponto Aresta



Oliveira, S.M. 2011, 8cm x 4cm
Gravura desenhada a mão
Coleção particular

5.5. Bordado

"Só Deus sabe por inteiro o risco do bordado" (Dourado, 1970, p. 4)

Segundo nos informa Rosana, (Revista Patch e Afins, Nº 37, ano VI p. 4)

"Bordar é enriquecer um tecido com pontos decorativos. É difícil estabelecer a origem do bordado, porém, é sabido que remonta à Antiguidade: há mais de 2000 anos era usado na China, na Índia, no Peru, na Grécia e em Roma. Os estilos de bordados estão intrinsecamente ligados à cultura e a história de cada povo que o desenvolveu.

Os bordados dimensionais foram amplamente usados na Antiguidade e na Idade Média. No século XIX, com o surgimento da máquina de costura, houve um declínio do bordado à mão; mesmo havendo a publicação de revistas com desenhos e gráficos para bordados, a moda passou a ser o bordado branco, em peças de enxoval, roupas íntimas e roupas de bebê, principalmente a camisola de batismo.

No século XX, com o surgimento da alta costura, os bordados com lantejoulas e miçangas eram os mais apreciados nas peças de vestuário, bem como os étnicos e cada vez mais o bordado branco, tradicional, se ateve apenas às peças de enxoval de cama, mesa e banho e roupas de bebê.

Da mesma maneira como a moda é cíclica, o bordado também o é. Vemos através de desfiles de grandes estilistas que o bordado, atualmente, está em evidência, principalmente o artesanal, aquele que requer o trabalho mais delicado, exclusivo e diferente assim como o Crazy, que, além de ser utilizado em colchas, tapetes, toalhas, almofadas, também é usado para complementar vestidos e acessórios como carteiras e bolsas."

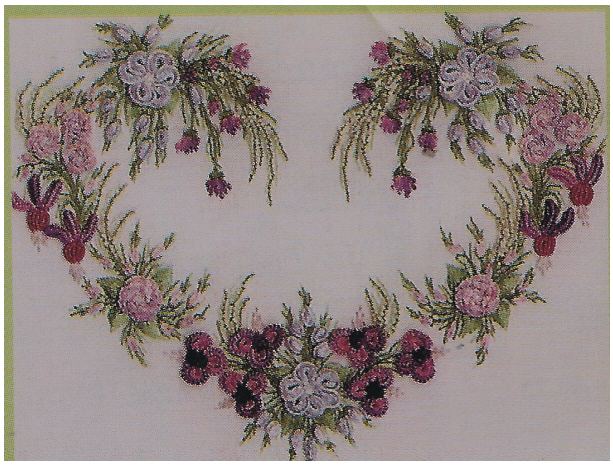
Bordados diversos

Em busca da beleza e de um sentido que, mesmo que seja com simplicidade, ao bordar, cabe também embelezar o nosso cotidiano.

Revista Patch e afins, Nº 37, ano VII, p.4
Fotografia color., 2007, 12cm x 9cm

Em cada ponto um pedaço de história, passada de geração a geração, de mãe para filha, contada nas entrelinhas e bordadas no tecido.

(Revista Patch e afins, Nº 37, ano VII, p.4)
Fotografia color., 2007, 10cm x 15cm



Revista Patch e afins, Nº 37, ano VII, p.4)
Fotografia, color., 2011, 10cm x 15cm

Bordado com fitas franzidas
(Vieira, 2007, p.127)
Fotografia, color., 10cm x 15cm

Expressões singulares do cotidiano representam a tradição milenar do bordado que vive intensamente apesar dos avanços da tecnologia, que aprimoram o processo de fabricação, ele permanece sem perder a essência.

Catálogo SEBRAE, 2011 “O risco do bordado”
Fotografia, color., 42cm x 27cm

5.6. O Passo a Passo

As águas seguem seu traçado, desenhando motivos, contando histórias e bordando a paisagem. De ponto em ponto as idéias são criadas e as histórias contadas.

Seguindo esse traçado, a escolha dos materiais se inicia com a separação dos retalhos a serem utilizados, com as cores já definidas e o desenho determinado.

Retalhos com cores já definidas

Oliveira, S.M. Coleção particular

Fotografia, color., 2011, 28cm x 21cm

Oliveira S.M. Coleção particular

Fotografia color., 2011, 28cm x 21cm

Acabamentos a serem utilizados como rendas e entremeios.

Botões, apliques, fitas, broches, são complementos de realce e enriquecimento do trabalho.

Oliveira, S.M. Coleção particular,

Fotografia, color., 2011, 28cm x 21cm

Alinhavando os retalhos e ordenando as lembranças

Oliveira, S.M. 2011, Coleção particular

Fotografia, color., 28cm x 21cm

costurando sobre uma base pré-determinada, com aplicação de rendas e passamanarias.

Oliveira, S.M. Coleção particular

Fotografia, color., 2011, 28cm x 21cm

Bordando as lavandas

Oliveira, S.M. Coleção particular, 2011

Fotografia, color.,28cm x 21cm

A aranha faz parte do Crazy Quilt sendo considerada um amuleto de sorte. Bordando a aranha e sua teia nos entremeios da mesma maneira como a vida dá suas voltas.

Oliveira, S.M. 2011, Coleção particular

Fotografia, color., 28cm x 21cm

Assim como as aranhas, as libélulas têm seu lugar como amuletos de boa sorte

Oliveira, S.M. 2011, Coleção particular

Fotografia, color., 28cm x 21cm

Bordando detalhes com motivos variados e apliques

Oliveira, S.M. 2011, Coleção particular

Fotogradia, color., 28cm x 21cm

Detalhe finalizado

Oliveira, S.M. 2011, Coleção particular

Fotografia, color., 28cm x 21cm

6. A Bolsa

Esse é o objeto que culmina o trabalho. Pequenos retalhos, pequenas lembranças, ponto após ponto, uma rendinha aqui, um canutilho acolá, uma pequena fita colorida e um pedaço de entremeio, um bordadinho ali e outro logo mais à frente. Passando os alinhavos coloridos, arrematando retalhos assim como nossas lembranças.

7. Conclusão

A narrativa, no seu aspecto mais sensível não se refere apenas à voz de quem fala, mas se expressa através de gestos e da experiência do trabalho. Assim como nossas antepassadas cuidaram de transmitir suas habilidades manuais aos mais jovens, pois "a experiência transmitida pelo relato deve ser comum ao narrador e ao ouvinte," o artesanato, em especial o bordado, permite, justamente por seu ritmo lento em oposição ao processo industrial, que ainda se tenha o tempo para contar. Assim nos relata Walter Benjamin, (Obras escolhidas, 1985, p. 11,12)

De acordo com o mesmo autor, "os movimentos precisos do artesão, que respeita a matéria que transforma, tem uma relação profunda com a atividade narradora, já que esta também é, de certo modo, uma maneira de dar forma à imensa matéria narrável, participando assim da ligação secular entre a mão e a voz, entre o gesto e a palavra." (Benjamim, 1985, Obras escolhidas p. 12)

Assim como o tempo para contar, existe o tempo para ensinar e é assim que se aprende o Crazy Quilting, de geração em geração, através de lições práticas e fundamentais que na verdade, são metáforas profundas de outro tipo de costura: aquela que une, dá forma e consistência aos "tecidos" da vida.

Esse é o trabalho do Crazy, é assim que ele acontece, não é apenas o que veio do passado, o que foi criado antes de nós. É também o que criamos hoje para se tornar herança das futuras gerações, que por sua vez falarão por nós. Viemos de um passado que não vimos e estamos indo para um futuro que não conhecemos. (Webb, 2000, p. 10)

Ao observar um trabalho de Crazy Quilt, nosso olhar vagueia pelas cores desbotadas, pelo desenho enrugado, e pelas beiradas puídas pelo tempo. São recordações nossas e que nos foram entregues como um dos mais delicados e preciosos bens de família.

Espero que, ao conhecer este trabalho, floresça a paixão a que ele nos remete, floresçam as sensações de sedução pelo bordado e pela união de retalhos e que tenha sido uma boa viagem ao conhecimento do Crazy Quilt.

8. Referências

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. São Paulo. Ed. Brasiliense. 1985

CALANCA, Daniela. **História social da moda.** São Paulo, ed. Senac. 2008

CATÁLOGO, SEBRAE. **O risco do bordado.** Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011

CAUSEE**,** Linda. **An Encyclopedia of Crazy QuiltStitches and Motifs**. California American School of Needlework, 1997. 69p.

CHATAIGNER, Gilda. **Fio a Fio**: tecidos, moda e linguagem. São Paulo. Ed. Estação das letras, 2009

DILLMONT, Therèse. **Encyklopedie der weiblichen handarbeiten.** ed. Mulhouse (Frankreich), 1924

EDICIONES, Instituto Monsa. **Urban bags**: diseño de bolsos. 2009

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Obras escolhidas.** Prefácio. ed. Brasiliense, 1985

GUEDES, Lucia. **O Bordado**. FUNALFA Edições. Juiz de Fora, MG

MALEVONKA, Wanda. **Fazer roupa virou moda**: um figurino de ocupação da mulher. São Paulo, 1920/1950

PATCH E AFINS. São Paulo. Ed. 1.9 Editora. 2008 Números 32,33,34,37

STALLYBRASS, Peter. **O Casaco de Marx**. Org. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte. Ed. Autentica 2008

PILLSBURY, Betty. in VIEIRA,Cândida, 2007, p. 4 (sem editora)

POLLINI. 2007. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Moda acesso em: 14 março, 2001.

Sterbenz, Geneviève A. **The decorated bag. Embelishbring handbags, purses and totes**

VIEIRA, Cândida. **História do Crazy**. São Paulo. s/ Ed. 2007

WEBB, Aliske. **Doze Pontos de Ouro**. Rio de Janeiro. Ed. Rocco. 2000

WOOD, Doroty. **Bags, bags, bags**:18 stunnings designs for all occasions

XIMENES, Maria Alice. **Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX**. (Estudos da moda), ed. Estação das letras,